

# O dominó e a mentira

**T**ivemos, sem dúvida, com os tristes e trágicos episódios de Madri, em que morreram tantos inocentes e se perpetraram tantas crueldades, algumas lições. O terrorismo jamais dispensa alertas máximos, suas motivações políticas ou religiosas tendem a ser permanentes num mundo marcado pelo fanatismo e pelo confronto. Suas causas são difusas e variadas, seus efeitos são trágicos. Ele cria uma neurose do medo – para usar a definição consagrada –, que se propaga por todos os campos.

A história da Espanha não está vazia de episódios sangrentos. A luta pelo Estado unitário deixou feridas não cicatrizadas, que estão sempre sangrando, na Catalunha e nos Países Bascos. Os atos terroristas no país são uma constante do dia-a-dia.

Mas a grande lição do 11 de Março de Madri foi o preço da mentira. Estava mais do que evidente que o atentado estava vinculado à posição tomada por



**JOSÉ SARNEY**

PRESIDENTE DO SENADO

Aznar na aventura de George Bush no Iraque. O próprio governo espanhol sabia mais do que ninguém disso. Com a proximidade da eleição, a perplexidade de que todos foram tomados, o desempenho do governo espanhol diante da situação foi de grande mediocridade, ou melhor, de inacreditável despreparo. Nada custaria, ou custaria menos do que o preço que pagou, falar a verdade: “A Espanha entrou nessa guerra porque conhecemos o terrorismo de casa. Estamos sendo atacados, mas não serão os terroristas que irão intimidar a Espanha ou interferir no resultado de suas

eleições.” A unidade dos países é interesse nacional, deve predominar nas decisões políticas, não o interesse partidário, quer nas horas boas quer nas dificuldades e crises. Aznar foi menor do que Bush – o que era considerado impossível –, que, diante da mesma situação, teve a capacidade de mobilizar a opinião pública para apoiar suas decisões. Seus erros vêm depois e são desmoralizadores para todo o mundo contemporâneo. Aznar errou desde o início, porque escolheu a mentira.

“A mentira ou vos tira o que tendes, ou vos dá o que não tendes; ou vos rouba ou vos condena”, já pregava o nosso sempre lembrado Padre Vieira. A mentira do Aznar tirou a vitória que tinham assegurada e deu a derrota que não esperavam. Ele, que é da terra de Cervantes, não acolheu a lição dada a Sancho Pança quando ia assumir a farsa do governo de sua ilha. Dizia Dom Quixote: “Assim debes fazer, Sancho. Dar-me-ás aviso de

tudo o que neste caso descobrires, e de tudo aquilo que no governo te ocorrer.” Bastava ter dito a verdade ao povo, tudo o que estava descoberto e não encobrir o céu com uma peneira.

O exemplo da Espanha, também, é trágico porque mostra o poder dos terroristas de influir na vida interna dos países e mesmo decidir seu caminho.

Tudo isso não exime o erro da entrada da Espanha, de corpo e alma, contra o sentimento da Europa, na aventura iraquiana, onde havia a grande mentira que é a fonte de tantas mentiras, a tal existência de armas de destruição.

Falava-se, no passado, no efeito dominó que Kennedy invocou para evitar a queda de países da Ásia, leia-se Vietnã, em mãos dos comunistas. Agora, vemos o efeito contrário. Aznar já foi, Blair que se cuide e Bush prepare o pijama.

A mentira costuma cobrar seu preço.